



O CORPO-VIVENTE: CENTRO DE ORIENTAÇÃO EU-MUNDO-OUTRO

The Living-Body: Center of Orientation Self-World-Other

MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO
Universidade Estadual Paulista, Brasil

KEYWORDS

*Phenomenology
Husserl
Living-body
Orienting Center
I-world-other*

ABSTRACT

The central question of this paper is: "How and why is the living body assumed as the guiding center of the I-world-other in in Husserl's phenomenology?" The carried out study to pursue the direction indicated by that question was based on chapters three and four of Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy, volume II (Husserl, 2002, 2005), paragraphs 35 to 47. The study of that text enables the presentation of Husserl's ideas regarding the living-body, that address issues concerning the physicality of the body, its psychophysical dimensions, the constitution of values, and intersubjectivity.

PALAVRAS-CHAVE

*Fenomenologia
Husserl
Corpo-vivente
Centro orientador
Eu-mundo-outro*

RESUMO

Este artigo tem como pergunta norteadora: "como e por que o corpo vivente é assumido na fenomenologia husserliana enquanto centro orientador eu-mundo-outro?". No intuito de perseguir a direção por ela indicada, toma-se por base os Capítulos Terceiro e Quarto do "Idee per uma Fenomenologia pura e per uma filosofia fenomenológica" volume II (Husserl, 2002, 2005), do parágrafo 35 ao 47. Entende-se que o estudo desse texto viabiliza a exposição das ideias que esse autor apresenta sobre o corpo-vivente, as quais abordam questões concernentes à fisicalidade do corpo, às suas dimensões psicofísicas, à constituição de valores, à constituição da intersubjetividade.

Recebido: 10/05/2022

Aceite: 05/09/2022

1. Introdução

Che cosa significa essere un vivente, quali sono le stratificazioni del vivere, come leggere il legame del Leib a un principio vitale che chiamiamo io, consapevole di sé e degli altri? (Manganaro, 2021, p.10)¹

Neste artigo, foco a pergunta "como e por que o corpo vivente é assumido na fenomenologia husserliana enquanto centro orientador eu-mundo-outro?", pergunta essa que indaga a maneira pela qual Edmund Husserl compreende esse corpo e, mais do que isso, como nele são constituídos conhecimento do mundo, do outro, da intersubjetividade. É uma pergunta que abre um leque muito amplo de questões, as quais estão no núcleo da obra desse filósofo. Pela dimensão de sua obra já se evidencia a impossibilidade de dar-se conta, em um artigo, de nelas seguir o fio que retroativamente poderia conduzir aos modos pelos quais sua discussão sobre o corpo e o corpo-vivente veio se configurando. Por estar ciente da abrangência, da importância e profundidade desses temas, coloco-me na posição de trabalhar com alguns parágrafos de uma de suas obras em que o tema *corpo-vivente* é, fenomenologicamente, explicitado.

Foquei neste estudo o *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica, vol. II* (Husserl, 2002, 2005), capítulos terceiro e quarto, do parágrafo 35 ao 47². Esse tema é por ele tratado em outras obras como, por exemplo, no *Idee*, vol. I (Husserl, 1931) e nas *Meditações Cartesianas*, "Quinta Meditação" (Husserl, 1977). Contudo, a ideia de corpo-vivente está presente ao longo de sua trajetória profissional, uma vez que já assume, desde seus primeiros trabalhos, a intuição como "princípio dos princípios", explicitado por Ales Bello (2000) em *A fenomenologia do ser humano*. À página 39 desse livro a autora citada afirma

O princípio essencial, a ser entendido neste caso como início de um conhecimento essencial e, portanto, como fundamentação, mas somente no sentido do começo válido, poder ser expresso mediante a fórmula, já famosa, do 'princípio dos princípios', segundo a qual 'toda visão originalmente oferente é uma fonte legítima de conhecimento, isto é, daquilo que se apresenta originalmente na intuição (digamos assim, em carne e osso)... (Bello, 2000, p. 39)

Intuir é um ato que traz ao corpo-vivente a visão da essência, como entendida por Husserl na dimensão da fenomenologia eidética. Abre à consciência a visão do que é, na imediatez do visto e do percebido, donde ser um começo válido para o deslanchar do movimento de conhecer-se o mundo.

Minha intenção não é fazer um mapeamento dos modos pelos quais o corpo-vivente foi sendo focado por ele em diferentes momentos de sua vida, mas expô-lo como o entende de maneira mais amadurecida e condizente com a concepção de fenomenologia transcendental. Esta é trazida à discussão no período de 1913 a 1916, em Göttingen. Tem como núcleo a concepção da *consciência transcendental*, concebida como fluída e difusa no corpo-vivente em suas diferentes funções e ações intencionais (Bicudo, 2020). Esse modo de ver a consciência solicita dele um pensar mais aprofundado a respeito do corpo-vivente; sua compreensão sobre a complexidade desse tema é exposta no volume II do *Idee* (2002, 2005).

O capítulo terceiro desse livro traz a "Constituição da realidade psíquica por meio do corpo vivente" e o capítulo IV traz a "Constituição da realidade psíquica na intropatia". Em ambos os títulos desses capítulos aparece o termo *constituição*. Diz do modo pelo qual, na carnalidade do corpo-vivente, mediante sua própria força vital presente em todos os seus órgãos funcionalmente articulados, a configuração da objetualidade do mundo vai se fazendo, bem como se manifestam as dimensões psíquicas primeiras, como gostar, não gostar, e, também a consciência, entendida em uma dimensão ainda simples, como o sentir-se vivo.

Olhado, o corpo, nessa dimensão, a constituição da realidade psíquica se mostra como enfatizando um movimento que se inicia e permanece no âmbito do próprio corpo, evidenciando-se solipsista.

¹ O que significa ser uma pessoa viva, quais são as estratificações da vida, como ler a ligação do Leib a um princípio vital a que chamamos o eu, consciente de si próprio e dos outros? (Tradução própria).

² Esclareço que tomei essa obra tanto na tradução para o italiano, cuja referência bibliográfica traz o ano de 2002 e a tradução para o espanhol, cuja referência bibliográfica indica o ano de 2005.

Aspecto esse que tem sido objeto de críticas, como é o caso de autores que compreendem a constituição do *meu corpo* primordialmente em relação com outros corpos viventes, uma relação que, de acordo com Dennot Moran (2011), *Revisiting Sartre's Ontology of Embodiment in 'Being and Nothingness'*, tanto Sartre, quanto Merleau-Ponty denominam de *intercorporeidade*. Moran, nesse texto, explicita que a intercorporeidade está embasada na noção de *carne*, introduzida, segundo ele, pelo próprio Sartre, a qual torna possível a interação entre corpos, ou seja, a inter-corporeidade. "For Sartre, flesh is the locus of contingency and intercorporeity" (Moran, 2011, p. 266)³. Moran afirma que Sartre escreve que "[...] Fleshly incarnation is the living testimony to my contingency. I simply find myself in the kind of body I have. I do not choose it but must come to terms with it" (Moran, 2011, p. 266)⁴. Trata-se de uma contingência irracional e a consciência a respeito da carnalidade e dessa contingência originam uma doença existencial (a náusea sartriana). Conforme Moran, Sartre develops the notion of the *flesh* (*la chair*) from Husserl's conception of *Leibhaftigkeit*, the bodily presence of the object in perception⁵. Nessa visão, o entendimento solipsista do corpo sartreano se mantém; porém escapa desse círculo pela interrelação entre corpos⁶.

Críticas também advêm de teorias feministas, como explicitado por Alia Al-Saji, *Bodies and sensings: On the uses of Husserlian phenomenology for feminist theory* (2010). Al-Saji pergunta "What does Husserlian phenomenology have to offer feminist theory?" (p.14)⁷, ao questionar a argumentação trazida pelas feministas a respeito da abordagem da sexualidade, conforme leem em trabalhos de Husserl. Elas argumentam que esse autor, no que concerne à sexualidade, traz uma visão dicotômica do corpo, na qual é destacada a supremacia masculina, patriarcal, enquanto a mulher tem sido vista de modo subordinado, importante à procriação. E El-Saji continua seus questionamentos "More specifically, can feminisms of embodiment find resources in Husserl's account of living bodies for rethinking traditional philosophical representations of 'the body' in its passivity, instrumentality and subordination to consciousness?" (p. 14)⁸. Explicita que a teoria feminista não pode ignorar o projeto de corporalidade; advoga que é preciso superar a dicotomia mente/corpo. Entretanto, ainda de acordo com Al-Saji, muitas escritoras de trabalhos feministas criticam o trabalho de Husserl, seja pelo viés de o entenderem como fortemente solipsista, seja por Husserl repetir pressupostos que expressam uma visão patriarcal e masculina, denotando uma atitude *natural* em relação ao sexo.

Essa autora explicita porque considera a fenomenologia husserliana do corpo-vivente importante para avançar com compreensões a respeito do tato, tema relevante na abordagem feminista do corpo. Ela afirma

I attempt to take Husserl's phenomenology of touch beyond its initial methodologically solipsistic frame and to ask whether and how it can contribute to thinking gendered and racialized bodies. The phenomenology of touch, I argue, can allow us to understand the interplay between subjective, felt embodiment and social historical context. In opening up Husserl's account of touch to other considerations and dimensions—social, intersubjective and affective—

³ "Para Sartre, carne é o lugar de contingência [...]"

⁴ "encarnação é a testemunha viva de minha contingência. Eu simplesmente me encontro no tipo de corpo que eu tenho. Eu não o escolho, porém devo me haver com ele".

⁵ Na nota 9 Moran (2011, p. 266) traz a seguinte explicação: 9 Sartre develops the notion of the 'flesh' (*la chair*) from Husserl's conception of *Leibhaftigkeit*, the bodily presence of the object in perception. Indeed, Sartre already talks about the 'flesh of the object in perception' in an earlier, 1940 study, *L'Imaginaire*, see J.-P. Sartre, *The Psychology of Imagination* (London: Methuen, 1972), p. 15. The French translation of '*leibhaftig*' in Husserlian texts (as also cited by Merleau-Ponty and Levinas) is '*en chair et en os*', meaning literally 'in flesh and bone'. "Sartre desenvolve a noção de 'carne' (*la chair*) da concepção de Husserl de *Leibhaftigkeit*, a presença corporal do objeto na percepção". Na realidade, Sartre já fala sobre a 'carne do objeto na percepção' em um estudo anterior, de 1940.

⁶ Entendo que aqui seria preciso avançar com a explicitação de Sartre sobre os modos pelos quais a intercorporeidade se realiza, abrangendo a presença dos outros na vida de cada um. Mas esse não é o alvo deste artigo e Sartre foi mencionado enquanto crítico da maneira pela qual Husserl traz a constituição do corpo-vivente, iniciando pela explicitação do corpo.

⁷ "O que a fenomenologia husserliana tem a oferecer à Teoria feminista? (tradução da autora).

⁸ Mais especificamente, pode a corporalidade como vista pelo feminismo, encontrar recursos nas considerações de Husserl a respeito do corpo-vivente para repensar as representações tradicionais do "corpo" em sua passividade, instrumentabilidade e subordinação à consciência? (tradução da autora).

I find a sociality within, and of, touch. Such a touch can allow us to think embodiment anew. (Al-Saji, 2010, p.15)⁹

Ela alerta aos adeptos da teoria feminista sobre a importância da explicitação de Husserl sobre a fenomenologia do tato. Considera que devam se perguntar, para além de quadro metodologicamente solipsista traçado por Husserl, se e *como* pode o pensamento desse autor contribuir para que se pense a respeito dos corpos em termos de gênero e raça. Compreendo as argumentações de Al-Saji e concordo com ela em vários pontos, quais sejam: o estudo de Husserl a respeito do corpo-vivente não é solipsista, pois ele o expõe, nos capítulos que tomo como foco de análise, em uma visão mais dinâmica e já assumindo a concepção de consciência como transcendental; a abordagem husserliana sobre os sentidos podem contribuir para uma compreensão do corpo-vivente que abre possibilidade para entender-se a sexualidade humana. Entretanto, devo já esclarecer o leitor que neste artigo esse não é o tema focado.

No que concerne ao apontado por Dennot Moran ao se referir a Sarte, não entendo como a constituição do *meu corpo* possa ser primordialmente embasada na relação com a carne dos outros corpos viventes. A carne do corpo-vivente não é amorfa, inanimada e um órgão separado da organicidade do organismo. O corpo (vivente) é carnal, ou seja, uma totalidade também de carne e osso. Essa totalidade, conforme Husserl explicita, vai sendo constituída com a dimensão física e psíquica, eclodindo com a percepção da unidade. Saindo de si, ao ver o entorno, vê também o outro corpo que, como ele, é um todo. Não estou aqui me referindo se tratar da constituição do outro a partir de si, ou seja, não se trata de o corpo-vivente dar origem (de criar) ao outro a partir de si. Os próprios atos de sentir já põem o corpo junto ao outro, transbordando de uma esfera solipsista, pois intencionalmente está plugado ao seu entorno e a si mesmo. É um corpo que vive, que ex-sistere, para fora de si e, concomitantemente, para dentro, ou seja, para o interno, de seus contornos somáticos, passíveis de serem delineados, mesmo que seja olhado apenas na dimensão da sua fisicalidade.

Fenomenologicamente, Husserl realiza uma redução do mundo, o que o leva a afirmar que o sujeito egológico está imediatamente circundado pelos outros. De acordo com Ales Bello,

Non a caso próprio nei testi husserliani si delinea um duplice resíduo della riduzione: quando metto fra parentesi tutto ciò che mi è dato, rimane come resíduo me stesso – primato dell'egologico -, ma súbito mi rendo conto chi la riduzione lascia vivere il noi – riduzione all'intersoggettività. (Ales Bello, 2012, p. 225)¹⁰

Husserl, ao focar a constituição do corpo-vivente, está seguindo o caminho apontado por esse resíduo. Um modo primeiro de os aspectos egológicos se mostrarem é pelo corpo. Ele toma o corpo como aparece a um primeiro olhar e descreve o que vê e quais os impasses que já vão se impondo. Sem assumir, aprioristicamente, explicações filosóficas ou científicas, tanto as das Ciências Naturais como as das Ciências Humanas, descreve o que se mostra: o corpo, entendido na sua fisicalidade, isto é, na sua dimensão material, e que se dá a ver e tocar como um objeto no espaço, ao modo como outros objetos naturais também estão. Um corpo entre outros corpos. Aproximando o zoom da lente, Husserl descreve que o corpo visto nessa simplicidade já perde os seus contornos e, à medida que busca enquadrá-lo como figura, outras nuances se mostram. Diferentemente de corpos quaisquer, como corpo-vivo, ele evidencia que sente sensações localizadas que correspondem aos seus órgãos de sentido: visão, audição, paladar, olfato e tato, e um sexto, o sentido de movimento, o cinestésico. Não se trata de sensações pontuais —Empfindungen, mas sensações— Empfindnisse —das quais o corpo-vivente se dá conta por meio das vivências —Erlebnisse.

Tão simples. Tão complexo. E na busca pela compreensão dessa complexidade, os abismos se põem e Husserl vai avançando no intento dela dar conta.

⁹ Eu tento tomar a fenomenologia do tato de Husserl para além de seu quadro metodologicamente solipsista inicial e perguntar se e como ele pode contribuir para pensar corpos em termos de gênero e de raça. A fenomenologia do tato, eu argumento, pode nos permitir compreender a interação entre o subjetivo, a corporalidade sentida e o contexto histórico social. Abrindo as compreensões de Husserl, sobre o tato, a outras considerações e dimensões – social, intersubjetiva e afetiva —eu encontro uma socialidade dentro e fora do tato. Um tal tato pode nos permitir pensar de novo na corporalidade do corpo. (tradução da autora).

¹⁰ Não por acaso, nos próprios textos husserlianos se delineia um duplo resíduo da redução: quando coloco entre parênteses tudo isto que me é dado, permanece como resíduo eu mesmo —primado do egológico—, mas súbito me dou conta que a redução deixa viver o nós - redução à intersubjetividade.

Seguimos com ele na tentativa de compreender como tomar o corpo-vivente enquanto polo orientador da vida da pessoa, sem fechá-lo em um núcleo que por si gera (cria) realidades, nem lançá-lo no movimento das ocorrências mundanas, dispersando-se nas maneiras pelas quais o outro o vê e lançando-se no inferno, entendido como os outros, valendo-me da metáfora sartriana, explicitada como *o inferno são os outros*. Nesse caso, o sujeito se tornaria prisioneiro dos outros ou dos acontecimentos, uma vez que perderia o rumo, pois apenas realizaria o movimento de ir para fora de si, sem se recolher e refletir, quando, então, não exerceria a possibilidade do filosofar e não se daria conta do que dizem os acontecimentos. Entretanto, esse filosofar não se fecha no âmbito de uma subjetividade solipsista, pois o sujeito é objetividade-intersubjetiva.

A pergunta que me moveu a escrever este artigo "como e por que o corpo vivente é assumido na fenomenologia husserliana enquanto centro orientador eu-mundo-outro?" se coloca como indicadora do caminho. Para dela tratar, pretendo desenvolver os seguintes tópicos: Körper (corpo) e Leib (corpo-vivente), enlaçando como a constituição do psíquico vai se dando; a hilética e sua presença nas sensações não localizadas, bem como na compreensão da consciência transcendental; cinestesia: sua primordialidade nos atos da vontade, na constituição dos valores e na presença da liberdade, possibilitando o movimento livre do corpo-vivente, o qual se evidencia como *posso, faço, vou*, na localização e orientação espaço-temporal em que o corpo-vivente funciona como o ponto-zero de orientação na espacialidade onde se percebe como um aqui e o outro ali; intropatia, *Einführung*¹¹, percepção essa que avança naquela de si e do outro, tendo o ato intropático em seu núcleo; linguagem, entendida como expressão de sentidos¹².

Destaco a relevância dessa discussão husserliana, em especial, ao expor a concepção de Körper e de Leib, uma vez que, em muitos estudos, focando o corpo, essa discussão não vem à tona. Freita e Sinclair (2014), por exemplo, no livro *Mathematics and the body*, levantam a pergunta "quando o corpo se torna corpo?" Não me ficou claro o que querem dizer com essa pergunta. Se fosse assumida a concepção de devenir hegeliano ou o modo heideggeriano de se referir ao ser, como sendo, poderia ser mencionado, na pergunta formulada, o corpo em seu movimento de tornar-se ou de devenir. Eu pergunto: O corpo se torna ele mesmo? Ao formularem essa interrogação, essas autoras estão interessadas na corporificação da Matemática, entendendo com isso que os entes dessa ciência não são abstratos e produzidos tão somente na dimensão da mente, ou seja, o conhecimento e as ações que geram e implementam essa modalidade de conhecimento não se localizam no corpo individual. Afirmam:

A survey of the mathematical embodiment literature finds them critical of approaches that fail to escape the 'dualistic tradition of the mind/body split'; or that 'demote the body to acting merely as the vessel or container of some higher act of cognition'; or that "centre human will or intention in the orchestrating of experience', assuming the human body to be 'the principal administrator of its own participation'. Moreover, locating knowing and agency in the individual body does not adequately address the collective social body. (Freitas & Sinclair, 2014, p. XIV)¹³

¹¹ Ales Bello traz a seguinte explicação sobre o dito por esse termo: "In realtà, Il termine italiano traduce Il vocabolo *Einführung*, contenente in sé la radice del verbo *fühlen*, che significa "sentire", nel senso di cogliere o captare, operazione precedente a quella relativa all'elaborare com strumenti razionali riflessive [...] (Ales Bello, 2012, p. 218). (Em realidade, o termo italiano que traduz o vocábulo *Einführung* contém em si a raiz do verbo *fühlen*, que significa "sentir", no sentido de obter ou captar, operações precedentes às relativas ao elaborar com instrumentos racionais reflexivos [...]. Essa autora propõe traduzir esse vocábulo como intropatia, para destacar o sentido expresso por Husserl e Edith Stein que diz da relação recíproca entre os seres humanos no reconhecimento de cada um, singularmente falando, e do outro como semelhante a si mesmo.

¹² Esse entendimento decorre do modo de olhar o movimento do corpo, tornando-se corpo-vivente; ele não abrange a compreensão da linguagem presente na dimensão do mundo histórico-social, cuja base, para a fenomenologia husserliana, é a intersubjetividade. Apenas diz do modo de a linguagem vir a ser expressa. Nas *Investigações Lógicas* (1970); no livro *Formal and Transcendental Logic* (1978); Nas *Meditações Cartesianas*; no *A Crise das Ciências Europeias* (2008), Husserl expõe a estrutura lógico-gramatical da linguagem que está constitutivamente presente no núcleo do movimento do pensar que articula, de modo lógico, sentidos e significados. Posta na dimensão da realidade intersubjetiva, constitui uma realidade em que a dialogicidade comunicativa se realiza em constante devenir.

¹³ Um levantamento da literatura que trata da corporificação da Matemática considera críticas as abordagens que não conseguem escapar à 'tradição dualista da divisão da mente/corpo'; ou que 'rebaixam o corpo a agir meramente como o recipiente ou recipiente de algum ato que 'rebaixam o corpo a agir meramente como o recipiente ou recipiente de algum ato

Entendo que, ao afirmarem "assumindo que o corpo individual seja o principal administrador de sua própria participação", elas se referem ao corpo como fechado em si, o que é inviável na concepção husserliana de Leib. Esta concepção abrange o outro e a dimensão do coletivo e do social, assim como a co-presença, na edificação do conhecimento, dos utensílios e dos demais objetos culturais e da natureza, donde se endereçar também ao que estão denominando como corpo social coletivo.

Concordo com Missagia a respeito de tomar tão somente o substantivo *corpo*, sem qualquer adjetivação ou explicitação de modos de ele se diferenciar de outros corpos que não os viventes, como expressão de uma reflexão artificial. De acordo com ela, "a abstração do nosso corpo enquanto *Körper*, naquilo que ele tem em comum com os demais objetos do mundo, é em certo sentido uma reflexão artificial: não vivenciamos o nosso corpo como uma coisa entre outras coisas [...]" (Missagia, 2017, p. 192-208).

Outro aspecto que considero relevante, trazido na discussão que Husserl contempla-nos a respeito do Leib, é a consciência, do modo como ele a concebe na Fenomenologia Transcendental, presente, em sua fluidez e dinamicidade, na totalidade do corpo-vivente. Essa concepção é complexa e solicita estudo analítico e aprofundado, para que possamos avançar pelos meandros das ideias que nela estão entrelaçadas. Por esse motivo, causa-nos estranheza ler na tese de doutorado de Gouvêa (2012):

A consciência preenchida de corpo é já uma consciência-corpo, que provoca uma atitude, uma abertura para estar na experiência, a qual revela a perfeita coordenação entre corpo e pensamento. Essa atitude não é totalmente consciente; assim, entendemos ser necessário ultrapassar a noção de percepção como um estado da consciência (Husserl, 2001). A percepção associada a uma consciência-corpo, ao incluir as micropercepções inconscientes, obscuras e confusas, ultrapassa o limite da experiência consciente habitual. (p. 30)

Pela leitura de seu texto, pode se entender que, para ela, a consciência husserliana seria reflexiva, prevalentemente, de caráter intelectual. Entretanto a consciência transcendental é compreendida como a-regional, fluída, em movimento, originadora *de* sentido. A consciência não é, portanto, separada do corpo, embora o transcenda, vai além dele, pela intencionalidade, sua característica. No item, "transcendendo a dimensão solipsista", desse artigo, essas questões são explicitadas.

2. Corpo e corpo-vivente. Entrelaçamentos primordiais

Nos capítulos mencionados acima, o próprio Husserl, ciente de que realiza, inicialmente, uma descrição do corpo em termos solipsistas, já afirma "E qui come nel primo caso, vendremo di stabilire innanzitutto fino a che punto possiamo arrivare com una ricerca di ordine solipsistico" (Husserl, 2002, p. 146).¹⁴

Por que ele realiza, inicialmente, a investigação desse modo?

Em seus textos e, em específico, nesses capítulos, o corpo é tomado como objeto da natureza, chamado homem, e não como corpo-vivo, plenamente constituído. É um corpo, *Körper*, dentre corpos, o qual também é assim visto e estudado no âmbito das Ciências Físicas e Naturais. Neste caso, pode-se criticar Husserl de estar seguindo a concepção cartesiana que traz o corpo como res-extensa, separado da *anima* (psique), princípio que o anima e que, nessa concepção, é dele separado. Ele, entretanto, caminha, procedendo de modo fenomenológico; descreve o que primeiro é dado a ver: o corpo somático. O que primeiro se mostra é sua exterioridade e, dessa perspectiva, é passível de ser estudado como coisa extensa e visto como uma coisa entre coisas. Mantendo esse olhar, essa visão coincide com aquela das ciências naturalísticas que o estudam em termos de causalidades. Porém, Husserl o foca como *fenômeno* e indaga pelo que se mostra. Adentrar pelos contornos dos limites desse corpo, escavando o que se evidencia, expõe as sensações localizadas como primárias para a constituição do corpo-vivo. Em suas palavras:

superior de cognição'; ou que "centram a vontade ou intenção humana na orquestração da experiência", assumindo o corpo humano como 'o administrador principal da sua própria participação'. Além disso, a localização do conhecimento e da agência no corpo individual não se dirige adequadamente ao corpo social coletivo.

¹⁴ "E aqui, como no primeiro caso, vamos tentar estabelecer primeiro até que ponto podemos chegar com uma investigação de ordem solipsista".

El cuerpo, naturalmente, también es visto como cualquier *outra cosa*, pero solamente se convierte em cuerpo mediante la introducción de las sensaciones [...] y así surge la idea de una *cosa* sensitiva, que "tiene" y puede tener em ciertas circunstancias ciertas sensaciones (sensaciones de tacto, de presión, de calor, de frio, de dolor, etc.) y justamente como localizadas en ella primaria y propriamente; esto es, ato seguido, precondition para la existência de todas las sensaciones (y apariciones) em general, incluso las visuales y las acústicas, que no tienen em ella, sin embargo, una localización primaria. (Husserl, 2005, p;191)¹⁵

Husserl descreve as sensações localizadas e enfatiza as decorrentes do tato, sentido que revela primazia dentre as sensações, pois permite o tocar e concomitantemente sentir-se tocado. Exemplifica com o toque das mãos, uma tocando a outra e desencadeando as sensações de uma mão, a direita, por exemplo, sentir a textura da pele da outra, a sua temperatura, etc., enquanto que a outra, a esquerda, que está sendo tocada, a sente tocando-a. Há reflexividade nesse ato. A sensação do tato pode ser pontual, como no caso de uma picada em um determinado lugar; porém, considerando-se a amplitude da sensação do toque, é difusa e abrange o corpo-vivo em toda sua dimensão.

Mas não se trata apenas dessa extensão. Trata-se da complexidade que se evidencia na totalidade do corpo-vivo, envolvendo o entrelaçamento funcional de seus órgãos. Antes de explicitar esse entrelaçamento, é importante trazer o modo pelo qual a Anatomia se refere à pele, uma vez que suas explicações, hoje, têm sido assumidas por fisioterapeutas e psicólogos, bem como por outros profissionais, que se dedicam ao trabalho com o *corpo*. Nessa disciplina científica a pele é definida como sendo o maior órgão do corpo humano e o mais pesado. É caracterizada como cobrindo o corpo todo e como sendo seu revestimento externo. É, ainda, descrita como sendo o órgão do tato, conforme a seguinte explicação:

Finalmente, a pele também é um órgão sensorial, constituindo o sentido do tato. Ela apresenta numerosas terminações nervosas, algumas livres, outras com comunicação com órgãos sensoriais especializados, como células de Merckel, folículos pilosos. A pele tem capacidade de detectar sinais que criam as percepções da temperatura, movimento, pressão e dor. É um órgão importante na função sexual¹⁶.

Assumindo a explicação da Anatomia, tem-se que a pele é um órgão sensorial. Retomando-se o sentido do tato, conforme Husserl o descreve nas sensações das mãos e dos dedos, temos a reflexibilidade do sentir, sentindo, ação essa que potencializa a sensorialidade da pele. Esta se entrelaça, na totalidade do corpo-vivente, com os demais órgãos e sentidos e respectivas funcionalidades. Husserl explicita que as sensações, decorrentes do toque, deixam de ser localizadas apenas. Essa fluidez do sentir, que penetra pela carnalidade do corpo, enlaça atos que vão além das sensações, à medida que adentra pelo movimento de constituição de valores. Isso porque as sensações se evidenciam em matizes diferenciados: de prazer, de acolhimento, de repulsa¹⁷, presentes nos atos valorativos.

Rientrano qui dunque gruppi di *sensazioni che, per gli atti valutativi, per i vissuti intenzionali* dela sfera del sentimento, oppure per le *costituzione dei valori* come loro correlati intenzionali, *svolgono um ruolo di material análogo a quello che le sensazioni primarie svolgono per i vissuti*

¹⁵ O corpo-vivo também é visto, naturalmente, como toda outra coisa, mas se torna corpo-vivo apenas por meio da introdução das sensações [...]; e assim surge a ideia de uma *coisa* sensitiva, que "tem" e pode ter, em certas circunstâncias certas sensações (sensação de tato, de pressão, de calor, de frio, de dor etc.) e justamente como localizadas nela primária e propriamente; isto é, ato seguido, pré-condição para a existência de todas as sensações (e aparições) em geral, inclusive as visuais e as acústicas, que não trazem nelas, sem dúvida, uma localização primária.

¹⁶ Trecho retirado de: Wikipédia, 20-4-22 ; 11.57 <https://bit.ly/3UWvvyI> Acesso em: 20 abr. 2022.

¹⁷ Nessas sensações se encontram germens de constituição de valores. Digo germens, apenas, pois sua constituição enlaça sensações provenientes da ação de outros órgãos sensoriais, bem como a presença do corpo-vivo do outro, como constitutivo da intersubjetividade a qual, por sua vez, sustenta a dimensão do mundo espiritual, da realidade comunitária, da dimensão sócio-cultural do mundo.

intenzionali nella sfera dell'esperienza, oppure per la costituzione di oggetti spaziali-cosali. (Husserl, 2002, p.155)¹⁸

Husserl enfatiza a característica ativo-reflexiva do tocar, ao descrever o modo pelo qual o sentir se revela nos outros órgãos de sentido. Assim afirma que na visão, o olho vê, mas não se vê. Não há reflexividade. "Aquí sólo podemos decir: si no se abre el ojo no hay aparición de visión [...] (Husserl, 2005, p. 188)¹⁹. Entretanto, esse órgão se sente pertencente ao corpo-vivo na medida em que é tocado pela mão, sentindo sua pressão, por exemplo. No ouvir, o som não está localizado no ouvido, mas se difunde pelo corpo-vivo. O mesmo ocorre com as sensações do paladar que podem ser localizadas, como no caso de algo picante causar dor na língua. Porém as sensações se difundem pelo corpo-vivo e são acompanhadas de sentimentos prazerosos, bem como de desagradáveis. Assim, também, pode-se falar do olfato.

As sensações se difundem na espacialidade do corpo e, ao seu modo, cobrem superfícies, mas de maneira distinta da extensão característica da res-extensa. As localizadas, decorrentes da ativação de órgãos específicos, aparentemente passíveis de serem explicadas apenas no âmbito de estímulos e de respostas específicas aos estímulos, revelam-se, à investigação fenomenológica, como complexas. Elas já evidenciam um movimento de abertura do corpo ao mundo que o circunda, ao mesmo tempo em que traz para o seu interior as sensações ativadas pelos corpos dispostos espacialmente. Estes corpos vão se delineando mediante os indícios que o corpo (vivo) sente pelas sensações localizadas.

O ato de sentir as próprias sensações o preenche com a dimensão psíquica e, nesse entrelaçamento, torna-se um corpo-vivente, Leib. As próprias sensações sentidas já irradiam modos de sentir — gostar e não gostar. Sentir as sensações e dar-se conta (pela ação da consciência) de que as está sentindo explicita a concepção de vivência (Erlebniss).

Os grupos de sensações que carregam os atos valorativos têm uma imediata localização na dimensão somática, de tal maneira que "[...] per ogni uommo, competono in modo immediatamente intuitivo al suo corpo vivo in quanto suo corpo vivo, come un oggettività soggettiva che si distingue dalla cosa meramente materiale corpo vivo attraverso questo strato di sensazioni localizzate" (Husserl, 2002, p. 155)²⁰.

Assim, no sentir as sensações no próprio corpo se encontram a intuição primeira de uma subjetividade, os germens de constituição de valores e da constituição da vida espiritual. Desta, na medida em que "Spirito in un primo momento significa che l'io non ha sede nella somaticità ma che scopre di essere connesso con la serie dei suoi vissuti" (Ales Bello, 2012, p. 163)²¹.

Na constituição da realidade psíquica se encontram as sensações localizadas (Empfindnisse), não como superposições mas como entrelaçamento entre os sentidos noéticos e os hiléticos que foram se fazendo no corpo-vivente.

Nell'indagine sulla costituzione della realtà psichica, Husserl intreccia l'elemento noetico-intenzionale a quello hiletico-materiale, proveniente dalle sensazioni localizzate (Empfindnisse) del corpo vivo: un'affermazione tutt'altro che innocua, in una filosofia nella quale il primato della coscienza trova la sua giustificazione nel primato dell'intenzionalità ascritta all'erleben e ai suoi atti - cioè a quell'intenzionalità che, nel primo volume delle Idee, era stata individuata come il «principale tema [Hauptthema]» 1 della fenomenologia pura. (Manganaro, 2021, p. 15)²²

¹⁸ Incluem-se aqui, portanto, grupos de *sensações que, para os atos valorativos*, para as vivências intencionais da esfera do sentimento, ou mesmo para a *constituição dos valores* como seus correlatos intencionais, *desempenham um papel de materiais análogos aos quais as sensações primárias desempenham para as vivências intencionais na esfera da experiência*, ou ainda para a constituição dos objetos espaço-coisais.

¹⁹ "Aqui apenas se pode dizer: se não se abrir os olhos, não há aparição da visão..."

²⁰ [...] para todo homem, competem de modo intuitivo ao seu corpo-vivente enquanto seu corpo-vivente, como uma objetividade subjetiva que se distingue da coisa meramente material corpo vivo através desse extrato de sensações localizadas.

²¹ Espírito, em um primeiro momento, significa que o eu não tem sede na somaticidade, mas que se revela sendo conexo com a série das suas vivências.

²² Na sua investigação sobre a constituição da realidade psíquica, Husserl entrelaça o elemento noético-intencional com o elemento hilético-material, proveniente das sensações localizadas (Empfindnisse) do corpo vivo: uma afirmação longe de inócua, numa filosofia em que a primazia da consciência encontra a sua justificação na primazia da intencionalidade atribuída

Tem-se, como dito nos parágrafos acima, uma duplicidade do corpo. Da perspectiva da percepção, do corpo-vivente que, reflexivamente, sente-se tocando e tocado, vendo e sendo visto etc., mostra-se como *Leib*; olhado como uma coisa física, mostra-se como *Körper*. Essa natureza dupla é um pano de fundo que o capacita a dirigir-se às coisas do mundo, tanto ao modo de relações causais, como totalidades motivacionais expressivas. Sua característica de ser corpo sensorial e, ao mesmo tempo, corpo físico, res-extensa, caracteriza sua posição mediadora entre o eu pensante, a psique e a natureza, bem como entre a comunidade e os outros, tomados de um ponto de vista social.

O corpo-vivo vai, assim, se constituindo de modo duplo: como oferente de experiências físicas e somáticas e como sensorialidade que lhe torna possível sentir matizes diferenciados de sensações. Na atitude natural, o corpo é explicado como tendo duas camadas, uma que seria formada pelo *stratum* físico, outra pelo psíquico. Na visão husserliana, o corpo-vivente se mostra como um todo, como uma unidade de físico, psíquico, espírito. Revela a dimensão da vida psíquica por meio de gestos e de posturas que não são caóticas, casuísticas, porém organizadas por um poder espiritual que caminha junto ao movimento do sentir a sensualidade que se expande pela totalidade do corpo-vivente. A sensualidade está, desse modo, presente na própria dimensão hilética do Leib. Assim, o espírito não é uma segunda camada que reveste essa corporalidade, conectando as duas partes: o físico e o psíquico. Porém é o que anima o corpo-vivente no próprio movimento que entrelaça as sensações advindas dos sentidos, o sentir as sensações e o perceber-se sentindo as sensações, o que se dá nas vivências. Realiza esse entrelaçamento de modo vivo, fluído, em um movimento uno.

3. Transcendendo a dimensão solipsista

O corpo-vivente, conforme explicitado, tem em sua constituição uma forte base *hilética*, revelando uma sensibilidade sensorial não localizada, mas que por ele se difunde. Ao sentir, dá-se conta de ser vivente. Revela-se, nesse aspecto, a concepção de Husserl sobre a consciência transcendental²³, compreendida como a-regional, fluída, em movimento, originadora *de* sentido. Essa sua compreensão está exposta no *Ideas*, vol I (Husserl, 1931), tema esse que foi objeto de polêmica entre seus discípulos, de 1913 a 1916, em Göttingen, acarretando dentre eles uma insatisfação explícita e criando um clima tenso, de muitos embates, ocasionando, inclusive rupturas com seus discípulos²⁴. Husserl, no *Idee*, Vol. II (2002), volta a expor sua concepção de consciência transcendental, trazendo-a para a constituição primeira do corpo-vivente.

In questo modo, dunque, *l'intera coscienza di un uomo è in certo modo, legata al suo corpo vivo attraverso la sua base hyletica*, per quanto naturalmente i vissutti intenzionali non siano più localizzati propriamente, in modo diretto, per quanto non costituiscono più uno strato nel corpo vivo. (Husserl, 2002, p. 155)²⁵

A consciência não é, portanto, separada do corpo, embora o transcenda, vai além dele, pela intencionalidade, sua característica. Por essa sua característica, ela intenciona mais do que é dado no sentir sensorial, transcendendo os contornos do corpo (*Körper*) e abarcando, na percepção, o objeto ao qual se dirige. O objeto, por sua vez, oferece-se, doando-se em possibilidades de ser sentido e ser percebido.

No âmbito da fenomenologia husserliana, a consciência é sempre encarnada e é consciência de algo, portanto, não é um órgão naturalisticamente tomado como contendo formas apriorísticas de intuições, como no caso da concepção kantiana das intuições puras de espaço e de tempo, nem é um recipiente que contém ideias, normas, valores, etc. É sempre *consciência de algo*, portanto não vazia. *Ser*

ao erleben e aos seus actos —ou seja, a essa intencionalidade que, no primeiro volume das *Ideias*, foi identificada como o "tema principal [Hauptthema]" da fenomenologia pura.

²³ Sánchez Muñoz y Delgadillo realizam um estudo muito bem embasado e articulado expondo a consciência como tratada no *Idee I* e no *Idee II*. (2018). E também há explicitação desse tema em Bicudo, M.A.V. (2020)

²⁴ Dentre esses discípulos que se afastam de Husserl e seguem caminhos diferentes em suas concepções teóricas, estão: Martin Heidegger, Edith Stein, e esta cita, conforme Ales Bello (2000, p.50), Max Scheller, Alexander Pfänder, Adolf Reinach, Hedwig Conrad-Martius e Jean Hering.

²⁵ Deste modo, portanto, a consciência toda de um homem está de certo modo ligada ao seu corpo-vivo por meio de sua base hilética, pelo que, naturalmente, as vivências intencionais não são nunca localizadas propriamente, de modo direto e pelo que não constituem jamais um estrato no corpo-vivo.

consciência de... pode ser entendido pelo exemplo: você leitor está frente a este texto exposto na tela do computador. Ele está iluminado, dispõe palavras umas articuladas às outras, pelas quais você corre seu olhar, no afã de saber o que dizem. "This feature of consciousness —its ability to be about things— is what philosophers call 'intentionality'" (Krueger, 2018, p. 2)²⁶. Esse excerto traz esse conceito husserliano de maneira bastante simples e direto.

Olhemos por uma lente de aumento, perscrutando o que diz *intencionalidade* para essa filosofia e de que modo é encarnada, como transcende os limites do corpo e se constitui no fio que interliga dinamicamente toda a vida que flui no corpo e as coisas do mundo circunvizinhante. O termo vem do verbo latino *intendo, tendi, tentum, ere*, que significa tender em uma direção, tender para, abrir, tomar atento, aumentar, estender, sustentar, dar intensidade, afirmar com força (Gaffiot, 1934, p.738). Refere-se ao modo de a consciência se estender e dirigir-se ao que a ocupa: imagens, lembranças, sentimentos, coisas corpóreas, relações entre corpos, eventos, etc. "Finally, this way of thinking about intentionality is different from other ways of characterizing mind-world relations as primarily involving causality. Intentional relations need not be causal relations; minds can intend non-existent objects [...]" (Krueger, 2018, p. 3)²⁷.

A consciência nunca é vazia, mas sempre está em movimento, reunindo sensações e percepções, articulando sentidos.

The things we think and experience —and the way we think and experience them— reflect aspects of the physical structure of our body as well as the things our body can do. So intentionality for phenomenologists is rooted in our bodies and agency. This motor dimension has to be part of a full picture of intentionality. (Krueger, 2018, p. 4)²⁸

A estrutura da intencionalidade, como exposta nos escritos de Husserl, pode ser analisada mediante dois componentes: o objeto como intencionado, ou seja, como o algo para o qual a consciência se dirige, o *noema*, e o ato consciente que intenciona o objeto, o ato da *noesis*. O *noema* pinça o lado do objeto da relação intencional e o *noesis* destaca o lado do sujeito, intencionando os modos pelos quais ele é dado à consciência. Ou seja, abarca os modos de doação da coisa, doação essa que se dá no ato de perceber, ou seja, na percepção. Esta não é vazia, como se captasse uma ideia imaterial da coisa. É preenchida pelo que vem pelas sensações.

O *preenchimento* da experiência perceptiva preocupa Husserl desde seus trabalhos do início de 1900. Nas *Investigações Lógicas* (1970), embora não tematize corpo e corpo-vivente, já explicita uma análise inicial da experiência perceptiva, descrevendo a percepção como uma experiência gratificante que envolve a consciência²⁹, preenchendo o sentido vazio do visado e o conteúdo intuitivo correspondente. A intuição é, nessa obra, o ato que realiza o preenchimento de sentido do visado, trazido aos atos da consciência, pela intencionalidade. Seu foco, como posto nessa obra, é entender cada percepção em particular, que sempre é unilateral e incompleta. Isso porque os objetos são sempre percebidos de um ponto (o ponto zero do corpo-vivente) e de certos aspectos, o que traz um problema concernente à discrepância entre o intencionado (*noema*) e o que é dado na sensorialidade. Mas essa questão não é importante para Husserl, uma vez que sua busca é pela constituição do objeto para e pelo sujeito. Ao descrever corpo e o corpo-vivente, explicitando modos de eles (os objetos) se mostrarem no movimento de constituição, foca o que é dado na sensorialidade. São indícios que se evidenciam por perfis, os quais delineiam o objeto percebido³⁰. Para ele, os perfis são integrados pela

²⁶ Esses aspectos da consciência —sua habilidade de ser sobre coisas— é o que os filósofos denominam *intencionalidade*.

²⁷ Finalmente, esse modo de pensar a respeito de intencionalidade é diferente de outros modos de caracterizar as relações mente-mundo como envolvendo primeiramente causalidade. Relações intencionais não precisam ser relações causais; a consciência pode intencionar objetos não existentes [...]

²⁸ As coisas que pensamos e experienciamos - e os modos que as pensamos e experienciamos - refletem aspectos da estrutura física do nosso corpo assim como as coisas que nosso corpo pode fazer. Assim intencionalidade para os fenomenólogos é enraizada em nossos corpos e ações. Essa dimensão motora deve ser parte de um quadro preenchido/completo de intencionalidade.

²⁹ Nesse período de sua vida, seus estudos estão em movimento de transcender o conceito de consciência trabalhado por Brentano e avançar para a consciência compreendida no movimento *noesis-noema*.

³⁰ Entende-se, assim, que para esse filósofo há algo que a nós é dado de modo imediato pela percepção, que percebe por perfis colhidos pelos sentidos que se entrelaçam no movimento articulador *intra Körper* e *intra e inter Leib*. Como objetividade-intersubjetiva vivemos e nos locomovemos na dimensão da comunidade comunicativa, ou seja, no mundo espiritualmente produzido.

consciência em seu movimento articulador e, desse modo, contribuem com a constituição dos objetos, na dimensão do corpo-vivente. Portanto, estes não são imagens representativas de um possível objeto percebido³¹.

Tem-se, assim, que:

Intentionality is an integrative achievement not of minds, brains, or bodies but of *persons* — subjects open and responsive to physical and social environments. So, while we can make a conceptual distinction between these different dimensions to clarify intentionality's overall structure —as well as differentiate various ways intentionality that becomes disturbed in psychopathology— we should remain mindful that these dimensions are interwoven within the practice of intentionality conceived of as an embodied and situated activity of the whole person. (Krueger, 2018, p. 4)³²

A intencionalidade não é um estado passivo do corpo no qual as impressões do mundo externo imprimem sua marca, mas é, ao contrário, uma atividade que pervade o corpo todo, de modo dinâmico e no fluxo da temporalidade dos seus atos do corpo-vivente, e, concomitantemente se estende ao mundo circunvizante. Noematicamente, se dirige ao objeto; noeticamente, ela opera os modos pelos quais ele lhe é dado, por exemplo, pelas sensações de frieza sentida no corpo ao tocar uma pedra de gelo. A consciência é sempre situada na carnalidade do corpo e, ao mesmo tempo, pela intencionalidade, ela se estende para além dele. Pela sua própria característica de ser intencional e, portanto, de se esticar para além de si, ela intenciona mais do que é dado no sentir sensorial, transcendendo os contornos do corpo (Körper).

4. Corpo-vivo: polo de orientação

O corpo-vivente não é estático, mas se locomove e sempre o faz de modo intencional, dirigido para o que se sente chamado a fazer. Pelo seu modo de se movimentar, revela-se como um *polo de orientação*, dado o sentido cinestésico que é primordial para a ação de localizar. Esse sentido, o sexto, acrescido dos cinco comumente apontados como tato, audição, visão, olfato e paladar, está na base de o corpo se portar como um objeto livre e imediatamente móvel. Ou seja, independe de outro objeto que o mova; é livre para ir e vir. Move-se e não apenas se move, mas se sente movendo e se dá conta de que está se movimentando. Vivencia seu movimento. Sente-se localizado em algum lugar, mediante uma ligação do todo psíquico com o todo físico, formando uma unidade: corpo-vivente. Entrelaçada a essa sensação difusa, de sentir-se localizado em algum lugar, está a vontade de se mover; porém ele não se movimenta de qualquer maneira, mas de modo orientado.

El movimiento del cuerpo propio influye de manera directa en el modo como las cosas aparecen. Como órgano de la voluntad y portador de movimiento, el cuerpo vivo se convierte en el medio para realizar cualquier otra actividad en el mundo; con el movimiento del cuerpo se modifica inmediatamente la percepción del entorno cósmico, posibilita que las cosas muestren aspectos o escorzos que una perspectiva anterior no me daba. El cuerpo de presenta como contramiembro de la naturaleza a través de un yo que ejecuta actos libres. (Sánchez Muñoz & Delgadillo, 2018, p. 10)³³

³¹ Ao expressar com e pela linguagem o sentido que o objeto faz para si, o movimento da produção da objetualidade está em ação.

³² A intencionalidade é uma realização integrada, não de mentes, ou de corpos, mas de *peessoas* – sujeitos abertos e sensíveis aos ambientes físicos e sociais. Assim, embora possamos fazer uma distinção conceitual entre essas diferentes dimensões para esclarecer a estrutura geral da intencionalidade —bem como diferenciar várias formas de intencionalidade que se torna perturbada na psicopatologia— devemos permanecer cientes de que essas dimensões estão entrelaçadas na prática da intencionalidade concebida como uma atividade corporificada e situada de toda a pessoa.

³³ O movimento do corpo-próprio influencia de maneira direta no modo como as coisas aparecem. Como órgão da vontade e portador de movimento, o corpo-vivo se converte no meio para realizar qualquer outra atividade no mundo; com o movimento do corpo modifica imediatamente a percepção do entorno coisal, possibilita que as coisas mostrem aspectos ou encurtamentos que uma perspectiva não lhe dava. O corpo se apresenta como contrapartida da natureza por meio de um eu que executa atos livres.

E aqui se abrem dois aspectos importantes na constituição do corpo-vivente: a unidade do sistema funcional dessa vida que se realiza na carnalidade do corpo-vivente e a liberdade. A vontade pertence à liberdade e está inerentemente ligada ao corpo-vivo enquanto campo de localização de suas sensações e que, por ser livremente móvel, tem a capacidade do *posso me mover* daqui para ali, da direita para a esquerda. Essa orientação de lugar está em sintonia com a localização do corpo-vivo e das materialidades do mundo físico que o cercam. Cada um tem o seu modo de aparecer, tem o seu domínio. As coisas aparecem ao aqui do corpo-vivo, por este ou aquele lado, com esta ou aquela ênfase.

As coisas materiais aparecem sempre segundo modos e posições para esse corpo-vivo que se torna o centro de direção: acima, abaixo, à esquerda, à direita. Sendo assim, ele tem a peculiar característica de trazer consigo o *ponto-zero* de todas essas orientações; é sempre um *aqui* primordial, sem referência a qualquer outro *ali* de outro corpo. Para si, ele é o ponto de referência. Mas não é estático. Ele se move livre e espontaneamente e, assim, coloca em movimento modos de aparição e suas orientações. Estabelece-se, então, uma relação nexos-causal entre corpo-vivo e as coisas presentes na espacialidade material. Esse aspecto é importante na constituição do conhecimento das Ciências Exatas e das Ciências da Natureza. Relações de causa e efeito, por exemplo, são primordialmente sentidas nos modos pelos quais as coisas materiais aparecem; posições de corpos no espaço, nuclear ao conhecimento geométrico, têm suas *sementes* na localização das coisas que percebe em relação ao aqui do seu ponto-zero. Não se está afirmando, porém, que o conhecimento das ciências seja produzido tão somente nessa dimensão, mas que a constituição das sensações primeiras, que preenchem de sentido percepções, têm aí seus germens³⁴.

Na espacialidade em que se localiza, o corpo-vivente se relaciona com outros corpos, dentre os quais está o *outro* que, como ele, também se move de modo autônomo e livre e cujos modos de se doar se revelam diferentes daqueles dos corpos físicos que não se movem por si. "El dominio de lo que está apresentado com el cuerpo visto comprende también los sistemas de apariciones em los cuales les está dado a estos sujetos um mundo externo" (Husserl, 2005, p. 209)³⁵. Esse mundo externo, circundante que é "El mundo percebido, recordado, intelectualmente apresado, conjeturado o revelado em cuanto a esto o aquello por la persona em sus actos [...] (Husserl, 2005, p. 231)³⁶.

O mundo é constituído pela totalidade de objetos que podem ser dados como originalmente presentes a todos os corpos-vivos e que formam um âmbito de presença originária comum, constituindo-se como natureza em um sentido primeiro e originário. É nesse domínio que o corpo-vivo que se localiza e que, por ser seu ponto-zero, pode se locomover de modo orientado, na medida em que se *empatiza* com o outro corpo-vivo, que, como ele é também ponto-zero, localizado e pode se orientar espacialmente.

Agora irreversivelmente já não se mantém a dimensão solipsista do corpo (Körper) que foi se constituindo como corpo-vivo (Leib), com as sensações localizadas e com as sensações de grupo, difusas e entrelaçadas à totalidade da vida psíquica, sempre já em um movimento de sair de si em direção ao mundo exterior. A realidade do outro corpo-vivo é dada de modo mais complexo do que a de outros corpos. Isso porque se trata de um corpo material (Körper) e, nessa dimensão, é passível de ser experienciado em sua presença originária. Mas, sendo corpo-vivo é também uma realidade psíquica e esta é passível de ser experienciada pela presença dos indícios colhidos pelo *corpo vivo A* ao empatizar com o *corpo vivo B*, transferindo-lhe as sensações de localização que realiza por meio dos vários campos sensoriais e dos vários domínios sensoriais, como os de movimento, juntamente com a localização indireta de sua atividade espiritual.

Tutto ciò mi si dà nella compresenza e quindi va inseime, per pois trapassare nell'entropatia: la mano dell'altro che tocca qualche cosa, e che io vedo, mi apresenta la prospectiva [Ansicht]

³⁴ Maiores explicitações sobre constituição e de produção de conhecimento são encontradas em: Bicudo (2020) e (2019).

³⁵ "O domínio do que está apresentado com o corpo-vivo compreende também os sistemas de aparições nos quais está dado a esses sujeitos um mundo externo"

³⁶ "O mundo percebido, recordado, intelectualmente avaliado, conjeturado ou revelado quanto a isto ou aquilo pela pessoa em seus atos [...]"

solipsística di questa mano e tutto ciò che le deve inserire nella compresenza presentificata. (Husserl, 2002, p.168)³⁷

A sensação cinestésica desempenha, também aqui, no jogo do par eu-outro, um papel crucial, à medida que o *corpo-vivo A* se sente como ponto-zero de sua localização e que, no campo originário de presença comum, se confronta com o *corpo vivo B* que, intropaticamente, lhe é dado como sendo um ponto-zero para ele. Sente-se *aqui*, no *seu aqui*; mas dá-se conta que o *corpo-vivo B* também se localiza no *aqui* dele. Para ele, *corpo-vivo A*, o *corpo vivo B* está ali, ao mesmo tempo em que ele, *corpo vivo A*, está no ali do *corpo-vivo B*. Assim, a realidade do outro, como co-presença física e psíquica lhe é dada. Mais do que isso, agora o *corpo-vivo* não apenas se localiza, mas se localiza de modo coordenado junto à presença do *corpo-vivente* do outro. Sua localização já não é difusa.

Juntamente com a vivência do *corpo-vivente* do outro, que se dá na dimensão das sensações e percepções dos modos de ele se movimentar, há o ato de perceber pelo qual o outro também vivencia sentimentos de natureza psíquica, como gostar, rejeitar, sentir medo, alegria, etc. A realização desse ato é explicitada pelo termo *Einfühlung*. Por esse ato reconhecemos a humanidade presente em nós e nos outros, o que nos possibilita ficar à escuta do outro.

La scoperta dell'empatia come via d'accesso alla realtà umana si deve a Husserl, il quale, esaminando l'essere umano come fenomeno che se presenta e si mostra a noi stessi, individua la nostra straordinaria capacità di esaminare noi stessi, scindendoci, paradossalmente, in soggetti e oggetti dell'analisi, grazie alle nostre possibilità riflessive, testimoniate, appunto, dalla presenza di atti della riflessione, che costituiscono una sorta di coscienza di secondo grado. (Ales Bello, 2012, p. 219)³⁸

Os atos de reflexão abrem-nos à capacidade de nos tomarmos como objeto de análise, ao mesmo tempo em que somos sujeitos da análise que realizamos. O paradoxo do modo de se ser humano: realizamos uma ação e nos percebemos realizando o ato e podemos refletir sobre o ato que realizamos e do qual nos damos conta. Originariamente, ou seja, sem intermediários, o *corpo-vivente A* colhe apenas os seus atos e seus conteúdos vivenciais, e reflexivamente pode se dedicar a compreendê-los. Pela intropatia, dá-se conta das vivências do outro, e pode compreender que os vivenciais deste ou daquele modo, porém não são jamais suas vivências. Pode compreender a dor do outro vivenciada diante da morte de um filho, mas ele não sente a dor do outro, como o outro a está sentindo. Ele pode, empaticamente, compreendê-la e, ao fazê-lo, sentir-se triste com ele.

Abre-se, com a *Einfühlung*, o horizonte para o estudo da dimensão psíquica e espiritual do ser humano.

5. A intropatia constituindo a intersubjetividade

Como exposto no item anterior, o *corpo-vivente* se localiza em um domínio constituído pela totalidade de objetos que lhe podem ser originalmente dados, na dimensão dos sistemas de aparições desses objetos. Esse domínio é caracterizado como mundo circundante ou mundo externo em que estão os outros corpos moventes, como os de animais e outros corpos-vivos. Estes últimos também estão localizados nesse domínio e os objetos também lhes são originalmente dados. Sendo assim, o que do mundo externo chega a cada *corpo-vivo*, mediante as sensações originárias e as conexões de grupos e de sistemas de sensações, é relativo a ele, ou seja, são subjetivas. Todas as coisas fenomênicas são o que são enquanto correlatos noemáticos das vivências. "Elas existen relativamente: a saber, solamente si el sujeto existe [...]" (Husserl, 2005, p.212)³⁹. Pode ser afirmado, indubitavelmente, dessa perspectiva, que existem tantos mundos subjetivos quantos indivíduos. Porém, cada indivíduo

³⁷ "Tudo isso me é dado na co-presença e portanto ocorre junto, e se transfere para a intropatia; a mão do outro que toca qualquer coisa, e que eu vejo, me apresenta a perspectiva [Ansicht] solipsística dessa mão e de tudo isso que lhe pertence na co-presença presentificada".

³⁸ A descoberta da empatia como via de acesso à realidade humana deve-se a Husserl, que, examinando o ser humano como fenômeno que se apresenta e se mostra a nós mesmos, individua a nossa extraordinária capacidade de examinarmos-nos, dividindo-nos, paradoxalmente, e sujeito e objeto da análise, graças às nossas possibilidades reflexivas, testemunhadas, estaco, da presença dos atos da reflexão que constituem um tipo de consciência de segundo grau.

³⁹ "Elas existen relativamente, a saber, apenas se o sujeito existe [...]"

também compartilha de uma comunidade comunicativa, cujo domínio é do espírito comum. No núcleo da constituição desse domínio está a intropatia. É pelo ato perceptivo da intropatia que se abre a possibilidade da constituição de um mundo intersubjetivo.

A base desse mundo se encontra na transposição das próprias sensações e vida psíquica do corpo-vivente ao outro corpo-vivente pela ação empatizante. Aqui está o ponto da afirmação de Husserl sobre a constituição do homem como objetividade *unitariamente* dupla, sem que haja introjeção da vida psíquica do outro. Esta não é dada em uma experiência originária, mas se evidencia por indícios das vivências que mostram uma analogia entre o sistema de sinais e os eventos psíquicos. Constitui-se paulatinamente um sistema de sinais indicativo e ao fim há uma analogia "[...] entre este sistema de signos de la 'expresión' de sucesos anímicos, de los passivos y de los activos, y el sistema de signos del lenguaje para la expresión" de pensamentos, prescindiendo de que el lenguaje mismo —em cuanto realmente hablado— se incluye en aquél" (Husserl, 2005, p. 207 - 208)⁴⁰.

O corpo-vivente do outro se doa como Körper e como *existência psíquica*. O outro corpo-vivente é entendido como "el ser anímico, que para el espectador tiene movimientos corporales codados em copresencia, y por cierto regularmente, lós cuales ahora, por su parte, se vuelven con frecuencia nuevos signos indicativos na corporeidade [...]" (Husserl, 2005, p. 207)⁴¹. O corpo-vivente B, visto pelo corpo-vivente A, traz consigo uma vida psíquica como sendo a sua⁴². Constitui-se, assim, uma objetividade unitária e dupla, qual seja, *o homem sem introjeção*. *Unitária*, porque o corpo-vivente se constitui como unidade, uma totalidade corpórea e psíquica, autônoma, livre, consciente e *dupla*, porque se constitui como homem ao empatizar com o outro corpo-vivo e com ele compartilhar o mundo circundante. A cinestesia gera o sentido de movimento, de liberdade e de localização. O corpo-vivente do outro presente no mesmo domínio espacial em que está e se move, o orienta quanto a direção do movimento e da espacialidade do seu *aquí*. Portanto se move de modo orientado.

O homem se constitui, assim, como uma *objetividade intersubjetiva*. Objetividade porque Körper é objeto científico natural; "o corpo físico [...] remite a las apariciones 'meramente subjetivas', (que primigeniamente) se denominan cosas" (Husserl, 2005, p. 211)⁴³. Pertence ao mundo circundante, porém mesmo nessa dimensão já acolhe sensações sentidas. Intersubjetiva porque se constitui com o *alter*, também. No âmago da *objetividade intersubjetiva* está o sentir as vivências psíquicas do outro, a intropatia, e as expressões dessas vivências, pelos sons emitidos como sinais. Na dimensão intersubjetiva, os corpos-viventes estão uns com os outros e pela transcendência de suas capacidades subjetivas evidentes, conduzida pela intropatia e pela linguagem, abrindo-se, assim, o horizonte de um mundo do espírito comum onde "Aquí tenemos experiencia de otros sujetos así como de sus vidas interiores; experiencia de las formas comunitarias en la que vienen a dársenos su carácter, sus propiedades; experiencia de las formas comunitarias, cosidades comunitarias, objetos espirituais" (Husserl, 2005, p. 245)⁴⁴.

A exposição do estudo sobre o corpo-vivente, explicitado nos capítulos do livro *Ideias vol. II* (Husserl, 2002, 2005) focados neste artigo, traz o movimento do corpo tornando-se corpo-vivente. É dessa perspectiva que são destacadas as possibilidades da existência de uma comunidade de linguagem. Entretanto, este tema não está no núcleo da proposta do tratado neste artigo. Apenas para pontuar, para o autor aqui estudado, o que se diz é articulado sobre o sentido da experiência, que precede o dito. Manganaro nos brinda com excelente esclarecimento a esse respeito. De acordo com ela:

Secondo Husserl, ciò che si dice si costruisce sul senso del vissuto, che lo precede: la fenomenologia opera a un diverso livello strategico rispetto all'analisi del linguaggio, anzi lo fonda, perché è sempre possibile esplicitare il senso di un Erlebnis con il contenuto oggettivo cui

⁴⁰ [...] uma analogia entre esse sistema de signos da 'expressão' de sucessos anímicos, dos passivos e dos ativos, e o sistema de signos da linguagem para a expressão de pensamentos, prescindindo de que a própria linguagem —enquanto realmente falada— se inclui nele.

⁴¹ "O ser anímico, que para o espectador tem movimentos corporais co-presentes em copresença, e aliás com regularidade, que agora, por sua vez, frequentemente se tornam novos signos indicativos de corporeidade [...]" (Husserl, 2005, p. 207).

⁴² Aqui se encontra o ponto em que o entendimento da vida psíquica alheia se abre como possibilidade.

⁴³ "O corpo físico [...] refere-se a aparências 'meramente subjetivas', que são (originalmente) chamadas de coisas."

⁴⁴ "Aqui temos experiência de outros sujeitos, assim como de suas vidas interiores; experiência das formas comunitárias nas que veem a ser-nos dados seu carácter, suas propriedades; experiência das formas comunitárias, coisidades comunitárias, objetos espirituais".

esso intenzionalmente mira. Non che Husserl ignori l'ambiguità e i fraintendimenti del linguaggio, ma questi gli appaiono meno temibili del difetto di chiarezza, proprio del come del dato. Le cose si danno secondo gradi di prossimità e di distanza, che concernono i modi della manifestazione: in questo senso, egli concepisce a redução fenomenológica quale método de clarificação "analítica". Se si dà discurso del vissuto, se vi è descrição essencial, se si può dire ciò que a consciência vive e como vive, é perché si può cogliere ciò que essa intenciona. (Manganaro, 2021, p.33-34)⁴⁵.

A linguagem está presente no horizonte da humanidade, tanto nos movimentos de relações entre pessoas como no da produção da objetividade. Essa produção é levada a cabo pelo movimento de constituição e produção de idealidades. Na comunidade comunicante, as produções se propagam na dimensão da intersubjetividade. Porém, nessa comunidade, a objetividade da configuração ideal ainda não está "completamente constituída por tais comunicações actuais do que é originariamente produzido numa pessoa, para a re-produção originária noutra. Falta a existência durável dos objetos ideais [...]" (Husserl, 2008, p. 377). A linguagem⁴⁶ tanto como mediadora da comunicação, como constitutiva da realidade mundana em que vivemos está posta nessa dimensão de ideias e de idealidades.

6. Considerações finais

A pergunta que conduziu as articulações expostas neste artigo indaga sobre *como* o corpo-vivente é assumido na fenomenologia husserliana enquanto centro orientador eu-mundo-outro. Esse *como* se mostrou nos modos pelos quais Husserl descreve as características do Körper e o seu tornar-se Leib.

Körper é descrito por Husserl como um corpo material que se diferencia de outros corpos materiais. Ele foi sendo constituído no entrelaçamento das sensações localizadas, primárias, e das sensações de grupo, não localizadas, mas que se fazem sentir difusa e intensamente na totalidade do corpo. Foi exposto que as sensações, descritas como se dando na dimensão física do corpo (Körper), vão se entrelaçando à dimensão dos atos psíquicos. Estas são vitais para as vivências intencionais e para a constituição de objetos espaço-coisais. *Corpo-vivente* foi apontado como se diferenciando do *corpo* na sensorialidade que cobre toda a extensão de seus órgãos que sentem sensações funcional e sistematicamente entrelaçadas. Toda sensação corporal não é uma sensação qualquer, mas sempre é apreendida como inerente a um sistema. "[...] Assim, nas sensações está implícita uma ordem 'que coincide' com as extensões que se manifestam; [...]" (Husserl, 2002, p. 156). *Dá-se conta do mundo*.

O corpo-vivente, na explicitação da investigação fenomenológica exposta por Husserl, nesses dois capítulos, se mostra como centro de orientação ao mundo, ao outro e a si mesmo. É polo de sensações localizadas e difusas, de constituição de sua vida psíquica e espiritual. *Dá-se conta do meu-corpo-vivo*. Esse *dar-me conta*, ato da consciência, não advém da relação estabelecida com os outros estranhos a ele, fruto de relações inter-corpóreas, tão somente. É constituído junto à base hiletica e ao entrelaçamento das sensações localizadas, bem como daquelas de grupos de sensações que se expandem para além da dimensão somática, ao enlaçarem as funções psíquicas e espirituais. Ele não é apenas carne, mas uma organicidade funcional, sensorial, consciente e intencional, revelando uma sensibilidade sensorial não localizada, mas que se difunde pelo corpo-vivo. Evidencia-se, nesse seu modo constitutivo de se por como corpo-vivo, a concepção husserliana de consciência transcendental. O aspecto intencional, também tecido com a sensação de movimento e, portanto, com a de cinestesia, o direciona aos outros corpos e corpos-viventes, de modo que não pode se encerrar em uma dimensão solipsista. É centro de orientação ao mundo, ao outro e a si mesmo.

⁴⁵ Segundo Husserl, o que se diz é construído sobre o sentido da experiência, que a precede: a fenomenologia opera a um nível estratégico diferente no que diz respeito à análise da linguagem; ela a fundamenta, porque é sempre possível explicitar o sentido de um Erlebnis com o conteúdo objetivo que intencionalmente visa. Não é que Husserl ignore a ambiguidade e os mal-entendidos da linguagem, mas estes parecem-lhe ser menos assustadores do que a falta de clareza que é própria da forma como o dado é doado. As coisas são dadas de acordo com os graus de proximidade e distância, que dizem respeito aos modos de manifestação: neste sentido, concebe a redução fenomenológica como um método de clarificação *analítica*. Se há discurso sobre a experiência, se há descrição essencial, se é possível dizer o que a consciência vive e como vive, é porque é possível compreender o que pretende.

⁴⁶ A respeito da linguagem, obras de Husserl como as Investigações Lógicas, Meditações Cartesianas, Crise das Ciências Europeias tratam desse tema.

A pergunta posta indaga, ainda, *por que* o corpo-vivente é assumido como polo orientador da interconexão eu-mundo-outro.

O corpo-vivente, diferentemente de outros corpos físicos, move-se por si, evidenciando autonomia e liberdade de ir, de vir, de se *direcionar a* de modo orientado. Localiza-se, pois se constitui como ponto-zero do seu aqui. Compreende-se que o Leib se orienta em relação ao outro, pois dá-se conta do outro corpo-vivo que com ele compartilha o mundo externo dos corpos físicos, porém do mesmo modo que ele: se locomove, evidencia sensações e modos de sentir. Empatiza-se com ele, ao transpor sensações originárias e grupos de sensações que lhe trouxeram indícios das coisas, bem como o levou a dar-se conta de aspectos de suas vivências.

O Leib se dá conta de si, uma vez que com outro corpo-vivo constitui-se homem —objetividade intersubjetiva. Nessa constituição está implícita a orientação corpo-vivente outro/mundo. No âmago dessa constituição está a intropatia que viabiliza a transposição das próprias sensações e vida psíquica do corpo-vivente ao outro corpo-vivente. Portanto, não é tão somente uma relação entre-corpos tomados em sua carnalidade, ou seja, intercorporal; mas é uma totalidade consciente do corpo-vivente que, na intencionalidade voltada para..., põe-se junto ao corpo-vivo do outro que a ele se une pela ação empatizante, constituindo uma objetividade-intersubjetiva.

Ao expor-se o corpo-vivente como estando com os demais corpos físicos e materiais, com os quais compartilha a característica de também ser um corpo físico, ao mesmo tempo em que já deles se diferencia, pois não é apenas mas, também, corpo-vivo, que abriga sensações e que as sente em uma multiplicidade de modos e de nuances, constituindo, paulatinamente a psique e espiritualidade, a relação eu-mundo se explicita. Diferentemente de outros corpos físicos, ele se move por si, evidenciando autonomia e liberdade de ir, de vir, de se *direcionar a* de modo orientado. Localiza-se, pois se constitui como ponto-zero do seu aqui.

O corpo-vivente é assumido como polo orientador da interconexão eu-mundo-outro, pois, no movimento intropático, pela reflexão, pode realizar o filosofar, pelo ato consciente de dar-se conta de si e do outro e de realizar, paradoxalmente, o movimento de tomar-se e aos seus atos como análise e de analisar-se. Mantém-se subjetivo e intersubjetivo, porém não de modo separado, pois subjetividade e intersubjetividade são constitutivamente entrelaçadas.

7. Agradecimentos

Apresentado no III Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia e V Congresso Brasileiro Psicologia e Fenomenologia – modalidade on-line, 20, 21,22 e 23, julho de 2021.

Referências

- Ales Bello, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano*. Edusc.
- Ales Bello, A. (2012). *...e la coscienza? Fenomenologia psico-patologia neuroscienze*. Edizioni Giuseppe Laterza.
- Al-Saji, A. (2010). Bodies and sensings: On the uses of Husserlian phenomenology for feminist theory. *Cont Philos Rev.*, 43, 13–37.
- Bicudo, M.A.V. (2019). Constituting Mathematical Knowledge Being-with-Media in Cyberspace. In M. A. V. Bicudo (Ed.), *Constitution and Production of Mathematics in the Cyberspace* (pp. 67-86). Springer.
- Bicudo, M. A. V. (2020). The origin of number and origin of geometry: issues raised and conceptions assumed by Edmund Husserl. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(18), 387-418.
- Freitas, E., & Sinclair, N. (2014). *Mathematics and the Body. Material Entanglements in the classroom*. Cambridge Press.
- Gaffiot, F. (1934). *Dictionnaire Latin/Française*. Achette.
- Gouvêa, R. V. de. (2012). *A improvisação de dança na (trans) formação do artista-aprendiz: uma reflexão nos entrelugares das Artes Cênicas, Filosofia e Educação*. [Tese Doutorado em Educação]. Universidade Estadual de Campinas.
- Husserl, E. (1972). *Ideas. General Introduction to Pure Phenomenology*. (Fourth printing). Collier Macmilan Ltd. (First published to English, 1931).
- Husserl, E. (1970). *Logical Investigations* (Logische Untersuchungen). Volumes 1 and 2. (International Library of Philosophy). Routledge, Edition of Kindle.
- Husserl, E. (1977). *Cartesian Meditations: An Introduction to Phenomenology*. Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (2002). *Idee per una Fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica. Volume II*. (E. Filippini, Trad). Einaudi.
- Husserl, E. (2005). *Ideas relativas a uma Fenomenología pura y una filosofia fenomenológica. Libro segundo. Investigaciones fenomenológicas sobre la constitución*. (A. Ziri6n Q., Trad). México Fondo de Cultura Econ6mica.
- Husserl, E. (2008). *A Crise das Ci6ncias Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introduç6o à Filosofia Fenomenológica*. (D. F. Ferrer, Trad). Pahnomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Krueger, J. (2018). Intentionality. In G. Stanghellini, A. Raballo, M. Broome, A. V. Fernandez, P. Fusar-Poli, & R. Rosfort, (Eds) *The Oxford Handbook of Phenomenological Psychopathology*. Online Publication Date: Mar 2018 <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803157.013.37>
- Manganaro, P. (2021). *Corpi suggeriti. Edmund Husserl ' Edith Stein, & gli altri*. Editore Inschibboleth, Umweg.
- Missagia, J. (2017). O conceito husserliano de corpo: suadualidade e funç6o nas experi6ncias perceptivas. *Problemata*, 8(3), 1-13.
- Moran, D. (2011). Revisiting Sartre's Ontology of Embodiment in *Being and Nothingness*. In J-P., Boule, & B. O'Donohoe (Eds.), *Jean-Paul Sartre: Mind and Body, Word and Deed* (s.p). Cambridge Scholars Publishing.
- Sánchez Muñoz, R., & Delgadillo, M.L. (2018). El cuerpo vivo y la subjetividad transcendental en la fenomenología de Edmund Husserl. *Veritas*, 40, 9-28.